

O homem com orelha de diamante

A purificação e a acumulação de mérito trazem resultados infalíveis. Há muito tempo, um mercador que quase não possuía nenhuma prática espiritual, ao passar perto de um *stupa*, sentiu não exatamente um ímpeto de fé e sim uma alegria incomum. No mesmo momento, pegou um brinco que usava e colocou-o em oferenda sobre o monumento.

Por meio dessa oferenda, ganhou um mérito muito grande que o fez renascer nos mundos superiores, como homem ou deus, durante várias vidas.

Na época do Buddha, nasceu em uma família nobre e apresentava a particularidade de ter um diamante naturalmente incrustado na orelha, sendo chamado de “o homem cuja orelha vale um milhão”. Ele possuía numerosos dons: era bonito, inteligente, falava bem e tinha assimilado todas as artes de sua época. Na idade adulta, encontrou o Buddha, recebeu dele a ordenação e atingiu o estado de *arhat*.

Intrigados com esse destino, os monges pediram que o Buddha explicasse suas causas: por que esse diamante incrustado na orelha? Por que esse abandono das riquezas do mundo? Por que essa obtenção rápida do estado de *arhat*? O Buddha, que conhecia o *karma* dos seres, relatou a oferenda do brinco sobre o *stupa* e explicou que o diamante era resultado da natureza da oferenda, que a fé no Buddha assim como a realização do estado de *arhat* resultavam da destinação da oferenda, o *stupa*, símbolo da mente desperta.

Kagyü Ling, maio de 1980.

Preservar o mérito

A acumulação de mérito é útil não apenas para esta vida, mas também para as vidas futuras. O benefício nunca estará perdido enquanto o fruto não for colhido.

Entretanto, algumas circunstâncias podem neutralizar os atos positivos realizados. Suponhamos, por exemplo, que vocês tenham realizado uma oferenda muito importante e que sintam uma certa vaidade ou ainda remorso por terem gasto muito dinheiro; essa vaidade ou esse remorso prejudicam o valor positivo da generosidade. Mais grave ainda é a cólera, já que é dito que um único acesso de cólera pode reduzir a nada cem *kalpas* de atos positivos.

O Buddha ensinou, porém, um meio que permite preservar o mérito dos atos: fazer a dedicatória deles. Comparemos um ato positivo a uma gota de água: deixada ao sol, ela pode evaporar-se rapidamente. Colocada no mar, mistura-se a ele e nunca evaporará, a menos que o mar inteiro seque. Do mesmo modo, uma vez feita a dedicatória, o benefício dos atos positivos não pode mais desaparecer, mesmo que as emoções conflituosas se elevem em seguida em nossa mente. Muito pelo contrário, graças à dedicatória o mérito não deixa de crescer, assim como as quantias de dinheiro depositadas em um banco não deixam de aumentar o capital.

A dedicatória pode ser realizada de duas maneiras: com objeto ou sem objeto³⁴. Enquanto não se tiver realizado a natureza última da mente, este segundo tipo, o mais elevado, não é verdadeiramente acessível. No entanto, para aproximar-nos dele, podemos pensar que dedicamos o mérito como fizeram os *bodhisattvas* do passado. É por isso que, em uma das fórmulas tradicionais, diz-se, referindo-se a dois grandes *bodhisattvas*:

*Segundo o conhecimento da quiddidade³⁵ de Manjushri, o corajoso,
Segundo também o de Samantabhadra,
Seguindo seus exemplos,
Dedico perfeitamente todos esses atos virtuosos.*

Kagyü Ling, maio de 1980.

A verdadeira felicidade

Graças ao *karma* positivo de vidas passadas, algumas pessoas desfrutam agora de uma grande riqueza. Algumas possuem milhões de dólares. Essa opulência, todavia, não traz felicidade. A verdadeira felicidade, a da mente, é difícil de ser obtida.

No mundo contemporâneo, as pessoas estão animadas por uma agitação febril. Muitos não podem ficar parados, vão de um lugar a outro, visitam um país atrás do outro. Esta busca contínua do novo é o sinal de uma falta de felicidade. O mental, graças à variedade das distrações que o monopolizam, quer esquecer seu sentimento de frustração.

A meditação, praticada corretamente, permite, ao contrário, pacificar nossa mente, torná-la estável e, assim, encontrar o bem-estar interior e uma felicidade autêntica.

Nossa mente fica cansada com todos os pensamentos e todas as emoções conflituosas que a habitam. Nosso corpo fica também cansado de seguir todas as ordens que lhe impõe nossa mente agitada. A prática da meditação trará mais repouso à nossa mente e ao nosso corpo do que se fôssemos passear em um parque cheio de flores.

Kagyü Ling, maio de 1980.

³⁴ A dedicatória consiste, por exemplo, em desejar que o mérito proveniente deste ou daquele ato positivo permita-nos atingir o despertar para o bem dos seres. É dita “com objeto” quando é realizada na dualidade sujeito–objeto; é dita “sem objeto” quando não implica essa dualidade entre um “eu” e um “outro”.

³⁵ A “quiddidade”, aqui, refere-se à realidade absoluta de todos os fenômenos, além dos conceitos e das noções de “eu” e “outro”.